



O HUMOR EM (DIS)CURSO: EFEITOS DO FEMINISMO NAS MÍDIAS DIGITAIS

THE HUMOR IN (DIS)COURSE: EFFECTS OF FEMINISM ON DIGITAL MEDIA

Marco Antonio Almeida Ruiz¹
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo²
Luciana Carmona Garcia³

Resumo: Historicamente, nossa sociedade se construiu a partir de um modelo masculino de organização, e ao longo de sua constituição promoveu e ratificou formas de violência contra as mulheres, sempre fundamentadas na concepção de fragilidade e sensibilidade femininas, que traziam implicadas as noções de inferioridade e submissão. Como militantes e em busca por igualdade, as mulheres saíram às ruas e seus corpos tornaram-se discursos que trazem o “avesso” da história de dominância, construindo outras possibilidades de sentido e de memória na luta contra o machismo. Neste artigo, nosso objetivo é observar, em algumas publicações em redes sociais, o lugar atribuído à mulher e ao feminismo no bojo de estereótipos e imaginários cristalizados em nossa sociedade e que ocupam nosso espaço discursivo. Para tal, nosso material é composto por quatro *memes* publicados no *Instagram* ressaltando, sobretudo, esse ideal dominante pré-determinado e utópico acerca do papel da mulher, satirizando a luta e a resistência configurada pelos movimentos sociais e, em especial, o feminismo. Nesse sentido, nossa empreitada analítica estará embasada nos pressupostos teóricos da análise do discurso de matriz francesa, especialmente, em considerações acerca das noções de memória e pré-construído.

Palavras-chave: feminismo; humor; resistência.

Abstract: Historically, our society was built from a male model of organization, and throughout its constitution it promoted and ratified forms of violence against women, always based on the concept of feminine fragility and sensitivity, which implied the notions of inferiority and submission. As militants and in search of equality, women took to the streets and their bodies became discourses that bring the “inside out” of the history of dominance, building other possibilities of meaning and memory in the fight against male chauvinism. In this article, our goal is to observe, in some publications on social networks, the place attributed to women and feminism in the midst of stereotypes and imaginary crystallized in our society and which occupy our discursive space. To this end, our material consists of four *memes* published on *Instagram*, highlighting, above all, this pre-determined and utopian dominant ideal about the role of women, satirizing the struggle and resistance configured by social movements and, especially, feminism. In this sense, our analytical endeavor will be based on the theoretical assumptions of the French discourse analysis, especially in considerations about the notions of memory and pre-built.

Keywords: feminism; humor; resistance.

¹ Professor adjunto na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Aquidauana (UFMS/CPAQ). marcoalmeidaruiz@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

² Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. ligiamenossi@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2047-3019>

³ Docente Permanente na Universidade de Franca. lcgmanzano@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5280-4444>

1. INTRODUÇÃO

Nossa sociedade, historicamente, se constitui a partir de um modelo masculino de organização, e ao longo de sua constituição promoveu e ratificou formas de violência contra as mulheres, sempre fundamentadas na concepção de fragilidade e sensibilidade femininas, que traziam implicadas questões de inferioridade e submissão. Dentro dessa concepção de organização social, as mulheres não puderam ocupar grandes cargos econômicos, políticos, administrativos, entre outros; ademais, seu corpo era condição para menosprezar e superestimar suas habilidades, sua inteligência e sua capacidade, justamente por serem taxadas de incapazes e sem habilidades para suportar grandes pressões.

Nesse sentido, os discursos que circularam (e ainda circulam) (re)produziram (e, não raro, ainda (re)produzem) um certo estigma socialmente construído por meio de estereótipos⁴, que fortalecem imaginários contra os quais as mulheres vêm lutando há tempos: discursos que coagem comportamentos e ações, que produzem subjetividades. Violência discursiva que se materializa no corpo e na alma, que reverbera ininterruptamente um imaginário perverso construído historicamente e relega à mulher um (não) lugar específico ao qual se alia seu papel e sua condição feminina: o núcleo doméstico, o campo do privado, fora do lugar construído para a virilidade, alijado do campo público e de lugares de poder social. A ela, o “reino” do lar, a atividade materna no interior da propriedade viril; a ele, o domínio do público e do poder financeiro. Ainda que observemos a circulação de um contradiscurso forte que legitima lugares possíveis para a mulher na luta contra a violência, a mulher ainda sofre, de diversos modos, todos os dias. As lutas em favor dos seus direitos e a militância em relação à sua liberdade de expressão ainda precisam ser constantemente revisitadas e reafirmadas socialmente diante de um conjunto de imaginários e pré-construídos machistas que insistem em retornar em razão das condições de produção de discursos de líderes autoritários, que “autorizam”, de certo modo, a disseminação de imaginários cristalizados. Assim, podemos dizer que há um forte autoritarismo⁵ no Brasil contemporâneo que tem promovido discursos inscritos em formações discursivas (FD) dominantes, misóginas e preconceituosas em relação ao papel da mulher e ao seu lugar de fala, reforçando, ainda mais, a necessidade da luta diária para garantir direitos e ocupar espaços, uma conquista histórica que continua ameaçada.

Como militantes e em busca por igualdade, as mulheres saíram às ruas e seus corpos tornaram-se discursos que trazem o “avesso” da história de dominância, construindo outras possibilidades de sentido e de memória na luta contra o machismo. Em 2013, por meio de movimentos sociais feministas em todo o Brasil, as mulheres ganharam voz, seus corpos, pintados e marcados, produziram discursos que irromperam na história, inscrevendo um lugar de resistência e de uma luta constante contra certas imposições e rótulos. A *Marcha das Vadias*, por exemplo, foi uma manifestação bastante expressiva no país, que trouxe à luz novas instâncias de produção de discursos de

⁴ Entendemos, a partir de Amossy & Pierrot (2001), que os estereótipos são imagens previamente construídas e repassadas entre grupos, tanto positiva quanto negativamente, sempre em comparação a um modelo pré-definido cuja função social é fundamental. Nesse caminho, a análise e o levantamento dos estereótipos objetivam desmistificar tudo aquilo que dificulta as relações interpessoais e a apreensão do real, da originalidade e da inovação, sendo que as ciências sociais, as ciências da linguagem e os estudos literários reconhecem que os fenômenos de estereotipia são inevitáveis.

⁵ “A oratória agressiva, a retórica reacionária e os discursos violentos, que [chegam] a anunciar a eliminação de adversários, foram e continuam a ser traços marcantes da linguagem” de um chefe de Estado que diariamente promove o caos por meio de seu posicionamento autoritário que flerta com um fascismo mascarado de patriotismo exacerbado. (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p. 227).

reafirmção da sua condição, de ser mulher, e de instauração de uma nova memória diante de um contexto sumariamente preconceituoso⁶.

Desse modo, a mulher passou de uma condição pouco valorizada, do lugar privado, a uma posição no espaço público. Ela adquiriu voz e corpo em posições sociais muito significativas. *Vadia*, agora, adquiriria outro sentido, provisório, da mulher livre, da que luta diariamente por igualdade, pelo seu valor e pelos seus direitos. De corpo terno e sereno ao corpo livre e resistente que as faz dignas de um lugar páreo ao homem, que lhes legitima um lugar de força e de militância a fim de promoverem novos sentidos a se filiar à memória, a partir de outras condições de produção discursiva na atualidade. Em virtude disso, o discurso favorável à perpetuação das conquistas das mulheres é cada vez mais forte e importante nas diferentes esferas da sociedade, a necessidade de ressignificar novamente o lugar de fala diante da violência que lhes é imposta tem atingido diferentes lugares e expressões artísticas.

Neste artigo, nosso objetivo é observar, em algumas publicações em redes sociais, o lugar atribuído à mulher e ao feminismo no bojo de estereótipos e imaginários cristalizados historicamente em nossa sociedade e que ocupam nosso espaço discursivo. Mais especificamente, podemos dizer que é um movimento contrário às lutas e à militância de mulheres que saem às ruas em prol de sua igualdade, que ratificam o estereótipo arraigado na história e promovem, de certo modo, um humor ácido, agressivo. Para tal, nosso material é composto por quatro memes⁷ publicados na rede social *Instagram*, ressaltando, sobretudo, esse ideal dominante pré-determinado e utópico acerca do papel da mulher, satirizando a luta e a resistência configurada pelos movimentos sociais e, em especial, o feminismo.

Desse modo, os sentidos não se constituem aleatoriamente, é por meio da mudança na memória do social, isto é, do impacto do discurso feminista, que observamos uma certa regularidade de embates de forças historicamente constituídas no e pelo discurso. A partir dessa realidade discursiva, da constante necessidade de reafirmação do lugar das mulheres num certo espaço discursivo, nas diferentes expressões artísticas que textualizam sentidos, é possível retomar imaginários e ratificar a presença forte de movimentos que vão colocar em tensão o idealismo do feminino, que subjetiva a mulher como frágil, submissa e incapaz, dispondo a igualdade entre homens e mulheres como mote de discussão. Nessa toada, afirmarmos que este presente estudo analisará as regularidades que se marcam nesses discursos sobre o papel do feminino na sociedade.

“O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias” (BRANDÃO, 2012, p. 46). Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso produzido nos memes, vemos o quanto, na história, a produção de estereótipos subjetiva a mulher em um lugar social utópico, trazendo à tona imaginários, estigmas e fazendo ecoar uma memória perversa diante da luta e da militância feminina.

Desse modo, é preciso questionar um pré-construído inscrito numa formação discursiva relativamente dominante, preconceituosa, para dar visibilidade a outras possibilidades de interpretação e, ao mesmo tempo, produzir uma memória que está

⁶ Em sua dissertação de mestrado, *Da Marcha das Vadias às vadias da marcha: discursos sobre as mulheres e o espaço*, Chaves (2015) se debruça sobre as disputas dos sentidos que colocam as mulheres no espaço público, ratificando a militância no entremeio da rua e da rede.

⁷ Entendemos memes, a partir da proposição de Marie Anne Paveau (2017, p. 321), como "elementos culturais nativos da internet que se propagam na esfera pública por replicação e transformação nas redes e comunidades digitais". Ademais, cabe destacar que, apesar de serem considerados formas banais e ordinárias (BONEFANT, 2014), os memes podem refletir os valores de determinada cultura em determinado momento sócio-histórico.

inscrita numa FD contrária. Trata-se, assim, de compreender duas FDs em posição de confronto: a dominante, machista, e a dominada, das lutas e das resistências feministas.

Veremos, em nossas análises, como esses estereótipos ainda são fortemente trazidos no e pelo discurso, em especial, como o humor, nesses casos, acaba se tornando um subterfúgio legitimado, uma “válvula de escape” da propagação do preconceito, já que, sob a justificativa de que se trata de uma “brincadeira”, cujo fim é o riso e, assim, quem não ri é porque não tem senso de humor, apaga-se o machismoregnante. Em outras palavras, o efeito de humor acabaria “minimizando” o estereótipo, pois o riso como resultado desloca o sentido de uma temática séria para o engraçado, e quem não ri, ou se posiciona contrariamente, será taxado como intolerante.

O humor pode ser movido pela surpresa, pelo inesperado, pela quebra de uma certa linearidade que surge para mostrar aquilo como não é ou não deveria ser. Nesse sentido, o discurso humorístico é um campo que ganha espaços cada vez mais abrangentes e relevantes no mundo atual, pois pode tratar de qualquer assunto e, ao mesmo tempo, luta para que nenhuma proibição ou controle possam apreender suas produções (POSSENTI, 2018).

Além disso, pode ser considerado uma ferramenta comunicacional de extrema importância, pois pode emergir a partir de um acontecimento inesperado e fazer surgir uma possibilidade de interpretação não prevista ou uma resignificação de um discurso que pode estar relacionado a fatos de diferentes ordens: linguística, ideológica, cultural, histórica etc. Os recursos para a construção do discurso de humor podem também ser oriundos da composição de gêneros propriamente humorísticos ou não, assim como podem mobilizar o verbal e o não verbal como no material de análise. Os memes, que trouxemos para este artigo, apresentam um sincretismo verbo-visual, isto é, textos são acrescidos a imagens e permitem conduzir as interpretações que constroem o inesperado, o efeito de humor pretendido.

Nesse sentido, nossa empreitada analítica estará embasada nos pressupostos teóricos da análise do discurso de matriz francesa, especialmente, em considerações acerca das noções de memória e pré-construído.

2. MOVIMENTO FEMINISTA: CONQUISTAS

Em seu livro *Uma história do feminismo no Brasil* (2003, p. 9), Pinto assevera que não é fácil escrever a história desse movimento, pois “se trata de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, nas últimas décadas, ficou imune a ter uma opinião”. Além disso, o autor afirma que

[o] feminismo tem provocado militâncias apaixonadas e **raivas incontidas**. Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX o movimento foi muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que **excluía a mulher do mundo público** – portanto, dos direitos como cidadão – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio de pugna do proletariado por sua libertação (PINTO, 2003, p. 9, grifos nossos).

Cestari (2010) ressalta que o movimento feminista adquiriu uma forte relação a partir dos partidos de esquerda, cuja função de resistência se dava por meio de denúncias que podiam circular:

o feminismo brasileiro dos anos 1970 expandiu-se através de uma articulação política peculiar com os movimentos populares que tinham participação expressiva de mulheres, tornando as demandas femininas das organizações de bairro próprias do movimento geral das mulheres brasileiras (CESTARI, 2010, p. 787).

Segundo as reflexões de Pinto (2003), o início do século XX tornou-se um importante cenário de movimentos de mulheres que ganhavam corpo, em que buscavam uma maior articulação e participação nas decisões do país, êxito alcançado apenas nos anos de 1932, por meio da conquista do direito ao voto. Foi na época da ditadura militar brasileira que as mulheres se aproximaram do poder governamental por meio de movimentos sociais a seu favor. Nesse período, a população feminina, além de lutar pelo fim da ditadura vigente que tanto dizimou o país em sangue, lágrimas e sofrimento, buscou se desprender e se libertar da condição de submissão histórica e de uma memória social.

Por conseguinte, conforme o autor, 1975 tornou-se um ano de grande marco histórico para as mulheres do Brasil, pois além de a ONU defini-lo como o ano internacional da Mulher, permitiu a criação do *Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira*. Trata-se de um centro criado no Rio de Janeiro, por um grupo de mulheres que propôs comemorar essa data e que possibilitou tornar públicos e institucionalizados os movimentos feministas (PINTO, 2003).

Nos anos oitenta, muitas das mulheres que estavam exiladas na Europa e nos Estados Unidos voltaram ao nosso país com um novo espírito de força, com uma nova forma de ressignificar a condição feminina – que, historicamente, consolidou o estereótipo de mãe de família, rainha do lar, dona de casa, recatada e frágil – e construir uma memória de resistência e militância. A violência contra a mulher, nessa época, tornou-se tema oficial pela primeira vez e foi discutido publicamente. Tais discussões, em meados de 1984, foram oficialmente destacadas pela ratificação do governo brasileiro da *Convenção para Eliminar Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher* (CEDAW).

Em 1985, institui-se a primeira delegacia da mulher e do *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher*. Ainda nessa caminhada de luta e resistência, em 1994, o Brasil, no combate à violência contra a mulher, apoiou a *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra as Mulheres*. Esse conjunto de dispositivos sociais⁸ criados assume, de certo modo, uma dupla função: de um lado, a necessidade de rememorar a violência que as mulheres sofreram, refletindo e refratando no/pelo discurso a memória histórica da violência no corpo feminino e, de outro, a construção de uma memória de luta e de militância, de um corpo que sofreu (e ainda sofre) violentamente, de corpos em discursos que falam uma nova realidade social: o silêncio corporal ao qual as mulheres se submeteram na história adquire novos contornos, em que as mulheres livres reescrevem a história, mulheres que lutam pela equidade de direitos entre os gêneros, sem desconsiderar os dissensos em relação às proposições de combate à violência em todas as suas instâncias (simbólica, verbal, física...) contra a mulher, já que vivemos em uma sociedade constituída historicamente a partir de um paradigma vertical, hierarquizando o homem sobre a mulher.

O ano de 2003 é considerado o momento de institucionalização e reconhecimento de movimentos sociais de mulheres a partir da criação, em âmbito ministerial, da *Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres*, assim como o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à mulher. É a partir dessa memória de atualização do papel

⁸ Os dispositivos sociais nomeados, aqui, são compreendidos na esteira das reflexões de Michel Foucault sobre o dispositivo, como “um conjunto decididamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: do dito, quanto do não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo propriamente é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 2015, p. 45). Os acontecimentos inventariados nessa inflexão histórica que realizamos têm como objetivo, neste texto, servir de aporte das condições de emergência dos discursos que possibilitam o aparecimento das materialidades de que tratamos nas análises.

feminino na contemporaneidade, mediante às novas transformações sociais sobre o seu papel, que podemos observar a circulação de discursos que se materializam e se colocam a circular, de modo a ressignificar a mulher na atualidade, e que trazemos nas análises posteriormente.

Na introdução do livro *Papel da memória*, Nunes (2010) indaga-se acerca da memória na produção discursiva, vejamos:

O que é produzir memória? Como a memória se institui, é regulada, provada, conservada, ou é rompida, deslocada, restabelecida? De que modo os acontecimentos – históricos, mediáticos, culturais – são inscritos ou não na memória, como eles são absorvidos por ela ou produzem nela uma ruptura? (NUNES, 2010, p. 7).

Logo, a memória, segundo Michel Pêcheux (2010, p. 50), não deve ser interpretada no sentido psicologista enquanto uma “memória individual”, mas por meio de sentidos “entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Trata-se, pois, de inscrever um certo acontecimento num espaço da memória a partir de certas condições de produção de discursos. Se pensarmos no movimento da *Marcha das Vadias*, por exemplo, podemos considerá-lo, tal qual postulava Davallon (2010), elemento cuja característica o torna um operador de memória social, pois corrobora uma memória coletiva da historicidade da violência que as mulheres sofreram ao longo dos séculos e que a partir desses novos fatos, novos acontecimentos, é ressignificada. Há, pois, uma inversão de valores criada com a ressignificação do significante “vadia”, irrompendo novos efeitos de sentidos a partir das novas condições de produção instauradas pelo movimento feminista. Ou seja, “vadia” não mais assume o significado dicionarizado⁹, pré-construído e estereotipado socialmente, ao contrário, resiste na militância das mulheres contra a desigualdade, de várias ordens, assume, com isso, o sentido de liberdade. Desse modo, podemos pensar que:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar (PÊCHEUX, 2010, p. 51).

A noção de condições de produção é um dos conceitos basilares da Análise do Discurso, em que vemos constantemente o jogo de forças e relações constituintes resultantes do processo discursivo. É por meio delas e da realização do processo discursivo em três níveis – a constituição, a formulação e a circulação (ORLANDI, 2002) – que podemos dizer que há uma reatualização da memória de violência contra as mulheres por meio dos movimentos sociais digitais¹⁰, das expressões artísticas e das diferentes formas de luta por igualdade. Segundo Orlandi (2002), a constituição do dizer é estabelecida por meio de uma memória do dizer no qual se marcam discursivamente os efeitos de sentidos relativamente estabilizados, advindos de pré-construídos e discursos

⁹ Tal efeito de mudança no sentido ocorre muito fortemente no movimento da *Marcha das vadias* e que persisti(u) em outros que surgiram ao longo da história como, por exemplo, a *Marcha das Margaridas*. Entretanto, embora haja tal deslocamento, possibilitado pela irrupção desse movimento social feminista, há, ainda, o sentido dicionarizado de vadia que se mantém, que ocorre pelo jogo entre a memória social e o acontecimento, no qual o significante não deixa de carregar certos estigmas e memórias estereotipadas.

¹⁰ Entendemos esses movimentos sociais digitais a partir das reflexões de Castells (2013, p. 20) ao pensá-los como componentes de um espaço híbrido que pode conectar “o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável que constrói, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora”.

outros, já-ditos; em relação à formulação, ela efetivamente acontece a partir do momento em que as condições de produção desses dizeres que se ligam, direta ou indiretamente, às circunstâncias da enunciação. Todavia, a transformação da memória acontece apenas no nível da circulação, pois há uma atualização, fazendo intervir os sujeitos e o jogo de sentidos como resultado da ressignificação de uma atualidade e uma memória baseados nas condições de emergência de discursos que refletem cada tempo e cada formação social. Orlandi (2002) ressalta a importância desses três níveis discursivos como um processo, em que

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 2002, p. 33).

A constituição de um discurso antifeminista, presente a partir de um já-dito, é estabilizada por um efeito de sentido oriundo da formulação que se efetiva, imbuída das circunstâncias da enunciação e das condições de produção desses dizeres. É no nível da circulação desse tipo de discurso, por sua vez, que há a atualização da memória que ratifica a intervenção de sujeitos que se inscrevem entre a memória e a atualidade por meio de condições do discurso como resultado de cada tempo e cada ressignificação. É porque há ainda discursos como esses na sociedade que a instauração de uma nova memória sobre o feminino e a mulher se fazem constantemente necessários por meio dos movimentos sociais digitais. Com efeito, a memória é um conjunto de traços que deixam marcas de certos tempos disjuntados e, ao mesmo tempo, faz ressurgir e reunir diferentes temporalidades no bojo discursivo.

3. REFLEXÕES ANALÍTICAS: MEMÓRIA, HUMOR E FEMINISMO NAS MÍDIAS DIGITAIS

Para este tópico, empreendemos um olhar analítico acerca dos discursos que retomam a figura do feminino em uma plataforma digital, a rede social *Instagram* e a rede social *Twitter*. Vemos, assim, um lugar que serve tanto para validar discursos cristalizados e, com isso, disseminar um antifeminismo, quanto para a divulgação de movimentos sociais em prol dos direitos e da liberdade de expressão de grupos sociais, em especial, as mulheres.

É possível, pois, encontrarmos diferentes formações discursivas que compõem essa rede de discursos ressignificando e/ou ratificando sentidos e ideologias pré-determinados socialmente. Nosso objetivo é compreender, a partir do material trazido para análise, como se dá o funcionamento do discurso humorístico em relação ao feminismo contemporâneo. Em outras palavras, buscamos compreender como o humor pode dissimular, de certo modo, um estereótipo forte na sociedade acerca do papel da mulher. Como estratégia de funcionamento, o humor parece “minimizar” os efeitos hostis do antifeminismo pela justificativa da comicidade e por um apelo ao senso de humor, quando justamente por essa razão, amplifica a circulação dos sentidos sobre o lugar da mulher na sociedade, reverberando e ratificando uma posição ideológica que deslegitima o movimento feminista pela negação de seus efeitos históricos. Ademais, esse tipo de humor, nas formas de sua formulação e circulação no e pelo digital, é altamente agressivo. Nosso *corpus* é composto por quatro postagens que circula(ra)m nas redes sociais *Instagram* e *Twitter* em diferentes perfis. Ao nos depararmos com as quatro postagens em questão, as perguntas que suscitaram nossa investigação foram: como se dá a

emergência dos discursos antifeministas da contemporaneidade nas mídias digitais? Como alguns pré-construídos – tais como “lugar de mulher é na cozinha”, por exemplo – são retomados e ressignificados por meio do discurso de humor? Os discursos de humor, mais especificamente, funcionariam como um modo de velar um estigma que era tido como, de alguma maneira, silenciado, mas que continua a ser revisitado? Ou podem ser percebidos como o escancaramento desse estereótipo, favorecido pelo amparo à circulação massiva do discurso de humor?



Figura 1¹¹ – Postagem da Revista TPM no perfil do Twitter

Na figura 1, vemos uma fotomontagem produzida pela revista TPM, cuja postagem data de 03 de maio de 2019, marcada textualmente como uma comparação entre uma capa da revista publicada em 2013 e uma versão de uma usuária da rede, que teve seu nome repercutido a partir da recriação caseira de fotos de celebridade que circularam em várias plataformas. Segundo a própria revista, a produção da imagem foi feita a pedido do editorial.

A tocaninense @neia_renata ficou conhecida fazendo suas próprias versões de fotos de celebridades. Para as poses, ela usa elementos que tem em casa, como produtos de limpeza e roupas. A TPM convidou Renata para recriar uma de nossas capas antigas, de 2013. Amamos! E vocês?

Nesse conjunto enunciativo, a versão encomendada pelo editorial é colocada à direita da representação da capa de 2013 e, a partir do paradigma de leitura ocidental orientado da esquerda para a direita, o efeito da leitura das imagens sugere um *antes e*

¹¹ Postagem da Revista TPM 3 de maio de 2019 com a atriz brasileira Aline Moraes seguida de uma recriação. Disponível em: <<https://twitter.com/revistatpm/status/1124389313242857474?lang=da>>. Acesso em 03 jun. 2021.

depois, um percurso de *ação e consequência*, ou de *original e reprodução*, sustentado pela própria revista como sujeito discursivo que se instaura no/pelo dizer, que aproxima as *capas* ao recriar o logotipo da publicação, juntamente a uma formulação textual que se aproxima da chamada para a matéria da capa publicada em 2013.

A composição enunciativa coloca em destaque duas instâncias de discursos em oposição: a primeira, materializada pela capa da revista TPM, de 07 de maio de 2013, estampada pela imagem de uma mulher atriz bem-sucedida, cujo corpo se enquadra nos padrões de beleza da contemporaneidade e é marcado pela modelagem da vestimenta, com uma luva de limpeza e um espanador na mão direita, e com o cabelo levemente desajeitado. A essa imagem de mulher, o enunciado categoriza como “A nova mulher prendada”, retomando uma memória histórica do espaço doméstico como único possível e permitido à mulher, e ressignificando-o, pelo adjetivo “nova”, como um dos (muitos) espaços possíveis para a mulher, que ainda continua adjetivada como “prendada”, porém, é sustentada por uma postura corporal assertiva e frontal, encarando a lente, que promove efeitos associados com a iniciativa/escolha desse sujeito mulher que posa para a foto, abrindo possibilidades de outros sentidos para a adjetivação feminina: mulher empreendedora, mulher feliz, mulher livre, “mulher prendada” por conta de uma abertura de possibilidades de ser mulher na atualidade.

A versão colocada à direita no conjunto enunciativo materializado na postagem da Revista TPM representa e denuncia, de certo modo, o lugar da mulher acometida ao privado, obrigada a cumprir o papel de dona de casa, fora de um padrão estético/corporal reconhecido como beleza de capa de revista, cuja vestimenta configura um lugar de inscrição social cristalizado, do feminino como o status de “do lar”, com avental e despenteada. Trata-se de dois extremos de lugares para a mulher que a postagem sugere existir: a mulher do espaço público e a mulher do espaço privado. Entretanto, uma das possibilidades interpretativas é a de que mesmo a nova mulher, a do século XXI, dona de si, será sempre a mulher prendada, “recatada e do lar”¹², a que precisa cozinhar e zelar por sua casa; podemos dizer, assim, que há a atualização de uma memória por meio da imagem justaposta ao enunciado: na versão da usuária Renata, que, *a priori*, emerge na tentativa de desconstruir o lugar discursivo de que a mulher prendada possa ficar tão bela, com corpo escultural e cabelo bem tratados, vemos corroborar o sentido acerca da inscrição histórica em que a mulher ocupou (e ainda ocupa!) na sociedade, o espaço doméstico, o domínio do privado. No limite, a Figura 1 reatualiza sentidos que deslocam a mulher do lugar de protagonista de si: feminista ou não, à mulher sempre caberá a obrigação com o trabalho doméstico.

O humor irrompe produzindo efeitos de desconstrução histórica da luta, associando a mulher ao espaço privado como fim irreversível: ainda que possa ocupar outros espaços sociais, os afazeres domésticos lhe são o ônus de gênero. Nesse percurso, é possível dizer que há uma reatualização na composição e disposição lado a lado da capa original e da reprodução à direita que ressignificam a memória sobre o que é ser mulher em nossa sociedade. Ou seja, é opor o lugar discursivo da mulher diante da resistência com a memória cristalizada e estereotipada, todavia, desconstruindo, nesses discursos, a

¹² Na matéria da Revista Veja, de 18 de abril de 2016, intitulada: “Bela, recatada e do lar”, Marcela Temer, ex-primeira dama do Brasil, é exaltada pelas características de beleza, disciplina, maternidade e dedicação ao casamento e ao filho, perfil estereotipado construído como modelo de mulher na sociedade brasileira. Tal modelo – ser “recatada e do lar” – sempre foi um padrão machista imposto às mulheres ao longo da história. Atualmente, as resistências e militâncias como, por exemplo, promovidas pela *Marcha das Vadias*, pela *Marcha das Margaridas*, enquanto movimentos sociais, buscam romper com esse imaginário social imposto, ressignificando o lugar da mulher em nossa sociedade, do corpo terno e delicado, no espaço privado para o lugar público, forte e guerreira. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 23 de out. 2020.

primeira, a que resiste, e ratificando um conservadorismo, que irrompe como antifeminismo¹³ nas redes sociais e, em seguida, (re)atualizando o seu papel como “do lar”, agora, modernizada e com roupas mais aderidas ao corpo, marcando-lhe o contorno, a presença/ausência de curvas, por exemplo.

O humor surge quando, dos efeitos do paradigma de leitura que se fazem como *antes e depois, original e recriação*, os elementos que compõem, à direita, o efeito do *depois* e da *recriação* descontroem o ideal de beleza feminino da capa da revista, figurada à direita da fotomontagem, assim como a ideia de que as mulheres prendadas consigam manter sua individualidade como explica o enunciado abaixo do título da capa da versão feita pela usuária convidada: “é possível ser dona de casa e ter vida própria?”. Porém, como já afirmamos, é possível entender que há uma reafirmação por meio de objetos simbólicos sobre o lugar no qual a mulher estaria fadada a permanecer.

Mais especificamente, o elemento verbal do enunciado fortalece a produção de sentidos. Podemos observar que a estruturação sintática da disposição entre capa original e recriação é semelhante, utilizando-se apenas de qualidades em oposição: “A nova mulher prendada” e “A sofisticada mulher lascada”. A palavra “nova” está para “sofisticada” assim como “prendada” está para “lascada”, o que constrói rima e sentido, ou seja, a mulher prendada nunca esteve feliz, sempre esteve lascada, triste. Novamente, vemos, aí, a ressignificação do lugar discursivo em que a mulher ocupa na irrupção da materialidade aqui analisada.

Ao mesmo tempo, na instância primeira, “a nova mulher” pode se referir à mulher que luta para conquistar sua liberdade, mas que mesmo diante dessa luta, da roupa bonita e da maquiagem bem-feita (também um imaginário social cristalizado) não deixa de ser dona de casa, ela sempre se associará, inevitavelmente, ao cuidado do lar. Do outro lado, na segunda instância, “a sofisticada mulher lascada”, é aquela que ocupa o espaço que lhe foi atribuído socialmente e historicamente, que sofre com os afazeres da casa além de cuidar dos filhos e do marido, que seria a responsável pelo sustento e ocupante do espaço público.

Podemos dizer que os efeitos de sentido promovidos por essa postagem reforçam a ideologia patriarcal de que a mulher, mesmo renovada e sofisticada, sempre ocupará o espaço social que lhe é atribuído na história, o privado; por meio da atualização do papel do feminino na contemporaneidade, podemos entender que tornar-se emancipada só trouxe mais trabalho para a mulher, deixando-a “lascada”. Em outras palavras, a consequência do movimento feminista, nesse tipo de discurso, passa a circular como um avanço ruim para a mulher, algo que só lhe atribui mais trabalho e funções e que, na realidade – como na versão protagonizada pela usuária convidada –, deixou a mulher “lascada”. O feminismo como movimento de luta e de emancipação feminina dentro de sociedades patriarcais é atacado por meio de certos estereótipos sociais acerca do papel da mulher que utilizam da própria emancipação como efeito de luta, para encarcerá-la sob o controle do masculino.

¹³ O antifeminismo como movimento antagonista ao feminismo irrompe, historicamente, ao mesmo tempo em que o movimento de mulheres toma corpo como voz que reivindica seu papel cidadão na sociedade, e pode ser observado desde o século XIX, com o movimento sufragista (cf. SCHMIDT, 2006; cf. FLOOD, 2007). A prática antifeminista insiste que a organização social entre os gêneros decorre da própria natureza dos sexos e dos dons divinos, nega que essa mesma organização entre os gêneros favorece o homem e preconiza que ela já é suficientemente justa e igualitária.

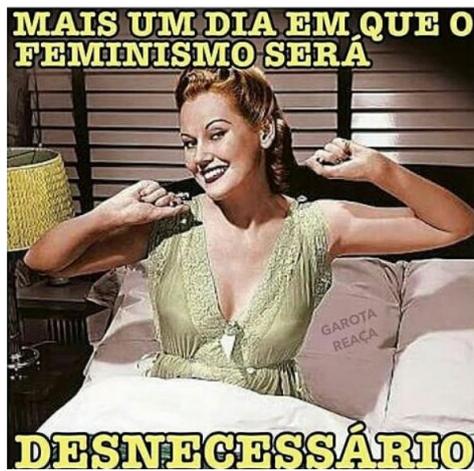


Figura 2¹⁴: Postagem do perfil mulherespatriotas no *Instagram*



Figura 3¹⁵ Postagem do perfil camillarafigo no *Instagram*

Algo semelhante se dá nas Figuras 2 e 3, nas quais a temática também é o feminismo – que se pode recuperar de modo mais claro. Nos respectivos enunciados sincréticos é possível observar o ataque a um imaginário conservador sobre o que é o feminismo, que opõe o movimento à feminilidade (uma feminista não seria feminina), apagando a marca de resistência do movimento e (re)atualizando imaginários sociais que ratificam o antifeminismo por meio de um humor irônico.

Assim, na Figura 2, mais uma vez, encontramos o antifeminismo sendo construído por imaginários socialmente cristalizados. Na imagem, observamos uma mulher sentada em uma cama, como se estivesse acabado de acordar, com um sorriso no rosto, espreguiçando-se. O elemento verbal do enunciado é: “Mais um dia em que o feminismo será desnecessário”. Algumas possibilidades interpretativas para esse enunciado são que o surgimento do feminismo não trouxe nenhuma vantagem à mulher, já que é confortável estar no lugar da mulher conservadora, patriota, como sugere o nome do perfil na rede social. A inserção da palavra “desnecessário” na postagem pode fazer referência à luta das mulheres, menosprezando sua militância e sua resistência diante de ideais cristalizados e dominantes na sociedade numa sociedade patriarcal que defende que o espaço do privado, o invisível do lar, é o melhor para ela. Novamente, nesse tipo de enunciado, encontramos a mulher ocupando um lugar que lhe é imposto pela história e

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BlqJSNSAdP5/?igshid=gc90dx6lnuty>>. Acesso em 23 de out. 2020.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bspzj0VA9Kt/?igshid=1n85s0h43jnfv>>. Acesso em 23 de out. 2020.

pelo social, a casa. O humor aqui é ácido e de deboche, pois trata-se de uma visão reducionista que pode representar, por exemplo, a fala de um homem, colocando a mulher nesse lugar privado, desqualificando e deslocando toda a força e luta feminina para a igualdade de direitos.

A Figura 3 traz uma gravura com uma mulher e uma criança, supostamente mãe e filha, olhando para uma máquina de lavar roupa. O modo como os elementos visuais estão dispostos no enunciado nos convoca à memória da publicidade da década de 1950, que recupera o ideário conservador, assim como a Figura 2, quando as crianças eram colocadas ao lado dos adultos como continuadores do papel social destes: assim, a menina seguiria o papel destinado à mãe, a cuidadora do lar. O elemento verbal da Figura 3 é transcrito a seguir:

- Filha, essa é a máquina de lavar. Aqueeeeela que fez mais pela mulher que o feminismo.
- Encantada, mamãe!

É possível considerarmos que a máquina de lavar fez parte da emancipação feminina, já que ela passou a fazer um dos principais trabalhos domésticos e colaborou, de alguma maneira, com a saída da mulher para o mercado de trabalho; entretanto, a figura traz uma mãe apresentando à filha o eletrodoméstico como alguém que tenha feito mais por elas do que o feminismo.

Cabe acrescentar que tanto a Figura 2 quanto a Figura 3, além de enfatizar o trabalho doméstico como algo essencialmente feminino, inscrevem os memes de humor que circularam no *Instagram* como um acontecimento em um espaço de memória a partir das condições atuais de produção, ou seja, há uma retomada da mulher dos anos 50 nas duas figuras de modo a ressignificá-la a partir do humor, possibilitando a emergência de sentidos como os de que o feminismo é algo ruim, que não colabora com a mulher.

Há uma retomada da mulher dos anos 50 que é ressignificada e trazida para o presente a fim de reafirmar o quanto a sua vida era feliz e, na atualidade, em virtude do feminismo, não é mais. Naquele período, a mulher deveria ser subordinada ao homem, que era o chefe do lar, e tinha o controle financeiro, num regime patriarcal. A mulher exemplo (entendida como a mulher que TODAS deveriam ser) era a “rainha do lar” que cuidava dos filhos e da própria aparência física em prol do casamento e a valorização social se inscrevia em torno da mulher “bela, recatada e do lar”.

Observemos em ambas as imagens a cintura marcada, o colo à mostra, os vestidos um pouco abaixo do joelho e os cabelos loiros e bem penteados, como era o padrão de estética a ser seguido, modelos disseminados pelas revistas femininas da época que abordavam o amor entre homem e mulher e as obrigações das esposas para manter o casamento. O padrão de mulher ideal estava associado ao conceito de feminilidade baseado nos papéis sociais de esposa, mãe e dona de casa de todas as mulheres nos anos 1950. “Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem contestação” (BASSANEZI, 2004, p. 609). Tudo isso tenta ser resgatado por meio da construção e da ressignificação de uma memória.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões que tecemos em nossas análises, podemos afirmar que as regularidades e o imaginário que apresentam os memes giram em torno da ideia de que a mulher, boa esposa e mãe é aquela que cuida dos afazeres do lar, da família e garante a sua felicidade e a felicidade daqueles que a rodeiam; o feminismo é significado como um

problema que veio para atrapalhar o bom andamento da felicidade feminina (e a manutenção do poder masculino) que é vista como restrita ao ambiente doméstico, ou seja, o seu espaço legítimo é dentro de casa.

O imaginário da condição feminina irrompe por meio do discurso de humor que vem como estratégia de um dizer possível em espaços abertos ao riso, algo que não se diria, por exemplo, em uma reportagem de jornal, já que não é próprio de uma certa ordem do discurso na contemporaneidade. Assim, o humor dissimula os sentidos que podem ser justificados como apenas uma brincadeira e, portanto, ratifica, amplia e propala certos valores cristalizados socialmente acerca do lugar de inscrição da mulher, como dona de casa, que cuida do marido e dos filhos. Temos, assim, a mulher feminina, ou seja, delicada, em oposição à feminista insurgente que sai às ruas em protesto. Vemos o antifeminismo como regularidade nesse tipo de discurso.

Como vimos, a mulher, hoje, ainda é retratada como valorizada sob a égide de certos padrões: magra, bem penteada, bem cuidada e que se restringe ao lar como um lugar de inscrição social; contudo, sua imagem é discursivizada por meio de elementos do discurso humorístico, tais como a ironia, a surpresa, o inesperado para os dias atuais, de modo que, mesmo diante de tantas manifestações e conquistas femininas e feministas, segue-se construindo uma mulher ideal como o exemplo de boa esposa, mãe, dedicada exclusivamente (ou talvez, principalmente) à família. O que se reatualiza por meio da memória é que o lugar do protagonista no meio social é do homem e esses dizeres são humorísticos porque podem instaurar relativa leveza e, até um certo descaso, a uma temática que é tão cara à história do protagonismo feminino na sociedade.

Nessa história de luta feminina pelos seus direitos¹⁶, o corpo sempre foi alvo de discursos. Ele é ao mesmo tempo o objeto e o próprio discurso que não se calam. A privação da mulher no ambiente familiar, os abusos e a violação de direitos tornaram-se uma violência diante de um corpo considerado há muito tempo “frágil” e sinônimo de subordinação. Essa mesma violência, psicológica e abusiva, é ressignificada na contemporaneidade por meio da luta pelos direitos, dos corpos que podem e devem ser exibidos da maneira como as mulheres julguem conveniente, a forma de mostrarem a sua liberdade é exibindo os seus corpos de maneira que essa violência não seja lançada ao esquecimento no interdiscurso, mas rememorada de outra forma, ressignificada por meio da luta e da resistência aos valores considerados tradicionais e obsoletos.

Assim, podemos dizer que a violência que as mulheres sofreram tornou-se o sinônimo de luta, a memória do corpo “privado”, recluso. Além disso, o pudor que representa tal feminilidade se destitui do imaginário a partir de uma nova memória, de resistência, dos movimentos sociais de mulheres que usam o seu próprio corpo como discurso, aquele que não se cala, como forma de expressar uma violência histórica e marcada na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. & PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1ª ed. 4ª. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2001. Ed. original: 1997. Enciclopedia Semiológica. 136p.
- BASSANEZZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, E. M. (org.). BASSANEZZI, C. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 608.
- Bela, recatada e do lar. Revista Veja, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 23 out. 2020.

¹⁶ Podemos destacar na história brasileira algumas feministas importantes como, por exemplo: Patrícia Rehder Galvão (Pagu), Djamilia Ribeiro, Mary Del Priore, entre outras.

- BONEFANT, M. Le méme numérique : étude sémiotique des réseaux à partir des concepts de trace e d'indice. In: *RISCP 12*. <http://communiquer.revues.org/1295>, 2014.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- BRIGLIA, T. M.; SACRAMENTO, S. M. P. Percursos da nação e do feminino nos anos dourados. In: *Revista Cadernos de Letras da UFF*. Volume 40, 2010. p. 203 – 221. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/40/artigo10.pdf>> . Acesso em 2 de julho de 2019.
- Camillarafiso. “Posso viver sem o feminismo, mas sem minha máquina de lavar roupa...nunca!!!”. Instagram, 15 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bspzj0VA9Kt/?igshid=1n85s0h43jnfv>>. Acesso em 23 de out. 2020.
- CASTELS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da inter-net*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CESTARI, M. J. *Nós político no discurso feminista dos anos 70*. Anais do *Seta*, n. 4, p. 779-792, 2010.
- CHAVES, T. V. *Da Marcha das Vadias às vadias da marcha: discurso sobre as mulheres e o espaço*. 2015. 145p. Dissertação (Dissertação em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271053/1/Chaves_Tyara_Veriato_M.pdf. Acesso em: 1º. jun. 2021.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.
- FOUCAULT, M. O jogo de Michel Foucault. In: *Ditos e escritos XIX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 44-77.
- FLOOD, M. *International encyclopedia of men and masculinities*. Abingdon/UK: Routledge, 2007.
- Mulherespatriotas. “Feminina sim. Feminista, jamais! Buenos días!”. Instagram, 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BlqJSNSAdP5/?igshid=gc90dx6lnuty>>. Acesso em 23 de out. 2020.
- NUNES, J. H. Introdução. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- PAVEAU, M. A. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul. 1990.
- PINTO, C. R. J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Editora Hedra, 2020.
- POSSENTI, S. *Cinco ensaios sobre humor*. São Paulo: Editora Parábola, 2018. 176p.
- Postagem da Revista TPM, 03 mai. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/revistatpm/status/1124389313242857474?lang=da>>. Acesso em 03 jun. 2021.
- SCHMIDT, M. T. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. *Estudos feministas*. vol. 14, n. 3. Florianópolis: UFSC, set./dez. 2006, p. 765-799. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011>, acesso em 04 jun. 2021.

Recebido: 9/11/2020

Aceito: 8/6/2021

Publicado: 10/6/2021